

O EU MULTIPLICADO EM CORA CORALINA¹

Marlene Gomes de VELLASCO²

Toda as vidas dentro de mim:
Na minha vida -
a vida mera das obscuras.

CORA CORALINA

Através de uma visão tetradimensional que permite transcender os limites do tempo e do espaço, Cora Coralina canaliza para si todos os “eus”. Introjeta-se com os humildes e obscuros, assimilando as necessidades e qualidades das lavadeiras, dos enxadeiros, da mulher do povo, da mulher da vida, do machadeiro, do presidiário, do boiadeiro e do menor abandonado. Assim, no instante em que “projeta neles a sua necessidade de expansão, a extensão de sua eudade se funde à essência dos outros e seu ser se consubstancia na essência do outro” conforme afirma José Fernandes(1985, p. 79)

A poetisa dos Becos de Goiás, ao se voltar para si mesma na voz do outro, não se furta a testemunhar o comércio de seu eu com o mundo circundante que a vida lhe reservou. Assim, ao transmutar em todos os obscuros do mundo, está incorporando todas as possibilidades de criar novos seres, de estar com o outro, de encontrar a solidariedades humana e histórica.

A poetisa do Rio Vermelho procura reproduzir a multiplicidade das vidas humanas, não titubeando em usar sua palavra poética a serviço da libertação do homem, pois o poema, segundo Maria Zaira Turchi “ se não se engaja à vida, perde sua razão de ser”(1985). Assim, indubitavelmente, se insere no outro. E só assim, com o uso da palavra, resgata sua historicidade e atinge sua consciência e faz e encontra sua essência.

¹ Fragmento da Dissertação “A Poética da Reminiscência - Estudo sobre Cora Coralina”.

² Professora das Literaturas Brasileira e Portuguesa da Faculdade de Filosofia Cora Coralina

1.1 - EU METAFÍSICO

O mistério filosófico da poesia coralineana revela-se, antes de mais nada, como perturbação da raiz existencial. Nela está calcada a identificação do ser e do não-ser, que é consubstancial à própria pulsação poética.

É entre o centro e o limite, e não para lá da poesia, que as “filosofias” de Cora Coralina se situam, enquanto espaço de linguagem. Cora Coralina tem plena convicção desse seu acercamento poético quando diz:

A poesia, a literatura é uma mensagem e uma mensagem que deve ser tanto quanto possível autêntica. A poesia, a literatura é uma recriação da vida e quem escreve não pode fugir da vida.

Os aspectos filosóficos da poesia coralineana se constituem mecanismos de vivência cotidiana, de experiência e, sobretudo, de ensinamento, pois a “professora de existência” é testemunha viva dos valores autênticos que irradiam os caminhos andados pela geração passada, e mostra esse mesmo caminho para outras gerações. É, assim entendido, o ser chamando o homem para a verdade do ser, pois, segundo Heidegger, “a verdade do ser é pensar no próprio ser”. Por isso é válido dizer também que sem poesia o homem é um ser indefinido. E é ainda Heidegger estudando o *logos* e o Ser quem afirma: “Quem é o homem, não chegamos a saber por meio de uma definição erudita, senão poetando originalmente, fundando poeticamente”(1978,p.216).

No substrato do pensamento poético-metafísico de Cora Coralina, podemos averiguar traços existencialistas, sem contudo afirmar que a poetisa pertença a esta ou aquela corrente filosófica. Pensamos que o filósofo, o artista e o poeta possuem uma sensibilidade mais aguçada que os outros mortais. Eles são capazes de romper estruturas, de desvelar aspectos, instaurar o inusitado, criar novos valores, através da linguagem, que possibilita o acesso a todas as camadas do ser e se constitui instrumento pelo qual o ser deve desvelar a sua consciência e abrir caminho para as realidades interior e exterior.

A modernidade, servindo-se do arcabouço estético, propõe uma nova postura poética que não resida na natureza do objeto estudado, mas na forma criativa de abordá-lo, instaurando uma verdadeira subversão de valores. Somos, assim, impregnados por um novo espírito que nos oferece o natural, o simples, o espontâneo, o corriqueiro, o popular... É sob este prisma que devemos enxergar a dimensão poético-filosófica na obra de Cora Coralina, que deixa seu clã familiar e se vai pelo mundo e se lança em direção ao nada, “para viver perigosamente todas as emoções oriundas de uma existência caótica, à procura da essência, pois ela só existe na liberdade e na plenificação do humano do ser”, na concepção de José Fernandes. No poema “A Procura”, o desejo da poetisa de realizar-se, de abrir-se para o mundo, se concretiza, à medida que derruba todos os obstáculos, todas as preocupações que travam a sua vida cotidiana. O sonho, que nada mais é que a pura expressão do subjetivo, se realiza como instrumento enquadrado na conquista do mundo novo, da vida nova que se alarga no instante em que se dá o encontro com a “Fortaleza”.

Andei pelos caminhos da vida.
Caminhei pelas ruas do destino-
procurando meu signo.
Bati na porta da Fortuna,
mandou dizer que não estava.
Bati na porta da Fama,
falou que não podia atender.
Procurei a casa da Felicidade,
e a vizinha da frente me informou
que ela tinha se mudado
sem deixar novo endereço.
Procurei a morada da Fortaleza,
Ela me fez entrar: deu-me veste nova,
perfumou-me os cabelos
fez-me beber de seu vinho.
Acertei o meu caminho.

(1973, p.37)

Para Sartre,(1927,p.212), “o primeiro esforço do existencialismo é o de pôr todo o homem no domínio do que ele é e de lhe atribuir a total responsabilidade da sua existência. É a doutrina que torna a vida possível e que, por outro lado, declara que toda a verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana”. É o esforço direto de buscar a essência perdida no vazio da existência. O homem, à medida que avança no tempo, capta todos os instantes da vida, mesmo que esta seja ameaçada pelas contingências históricas de estar no mundo, ou pela própria condição humana. Assim, o existencialismo tem como função restituir ao homem a sua humanidade, transformando-se em ser essencializado, apto a assumir o seu próprio destino. É neste instante que não-ser, mecanismo de obstáculo, interfere na realização pessoal do homem.

Em Cora Coralina, a irrealização pessoal está calcada nas entranhas da própria infância, é neste intervalo de vida que Aninha se imagina em uma nova dimensão e se transmuda em Cora Coralina. É a simbiose do não-ser/Ser. Viver, realizar para Cora, é caminhar, é passar, é descobrir-se. No poema “Cora Coralina, quem é você?” fica evidenciado que o destino do ser do homem no mundo é a travessia. A poetisa que nasceu enclaustrada entre serras e morros, e cujos anseios respondiam as escarpas agrestes, deixa claro que o homem, mesmo em sonhos, deve proceder a caminhada, em direção à transcendência, à essência.

Cora Coralina expõe sua ânsia de vida e de liberdade na textura interna do poema:

Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.
“Longe de todos os lugares”.

Junto a estas decorreram
a minha infância e adolescência
Aos meus anseios respondiam
as escarpas agrestes.

E eu fechada dentro
da imensa serrania
que se azulava na distância
longínqua.

Numa ânsia de vida eu abria
o vôo nas asas impossíveis
do sonho,
(...)

(1973, p.73)

Para Cora Coralina, sair do nada e tornar-se Ser lhe integra a preocupação primeira, pois esta é a principal eventualidade para realizar-se no tempo e ter um posicionamento perante o mundo e a existência, confirmando que “existir plenamente é empreender um movimento de liberdade” na concepção de Eduardo Portella.

Achamos que o estar-no-mundo se tornou consciente à poetisa desde o princípio. A relação homem-mundo é tema constante em seu ato de composição poética e permanece em posição de destaque ao longo de sua produção. Em um dos instantes de seus poemas, Cora Coralina volta um olhar penetrante para a realidade concreta. O cotidiano se faz presente, impregnando-se de poesia. A autora de “Meu Livro de Cordel” não se satisfaz somente revelando o sensível. Ela busca continuamente os sentidos naquilo que não é desnudado no sensível. Cora arranca da cotidianidade das coisas um risco poético.

No corriqueiro do dia-a-dia, o poético se instaura e avança do concreto para o abstrato. Ao escrever a um amigo sobre as coisas que estavam acontecendo na Casa Velha da Ponte, monta uma imagem cinematográfica, onde se articulam dois movimentos que se inserem no poema: o tempo presente e o tempo passado.

A partida das rolinhas é presentemente marcada. Visualiza-se a revoada desses pássaros que foram os primeiros e últimos sobreviventes

do casarão. Simultaneamente, é a própria imagem que é concebida no poema. Com a partida das rolinhas se fusionam duas realidades que se projetam para um único ponto. De um lado, são as rolinhas alçando vô, se precavendo das sementinhas envenenadas. Do outro lado, é a menina feia e mal amada que se lança no tempo, agarrada à sua poesia como forma de defesa contra olhares opressores que a esmagavam e a reprimiam no seu fazer poético.

Ao perscrutar o vô das rolinhas, seu mundo passado se faz presente, vai além da aparência sensível. O olhar penetrante enreda toda a experiência pessoal que a levou um dia a ir mais além de si mesma e de conseguir transformar em palavras seu referencial:

Faz tempo ,queria contar para a sua ternura,
essas coisas miúdas que nós entendemos.
Ah! Meu amigo e confrade...
As rolinhas... as últimas, fogo-pagou cantaram a cantiga
da despedida no telhado negro da Velha Casa.
Cantaram em nostalgia toda uma certa manhã passada.

Levantaram vô e se foram para sempre.
(...)
Cantaram seus louvores.
A louvação da despedida final.
E se foram para um indefinido longe, ninguém sabe onde.
Onde não houvesse sementinha envenenada
e sim o chorinho escondido de água impoluída.
(VC, 1983,p.192)

Na perspectiva coralineana, o desajustamento homem-mundo é devido à precariedade do mundo e à fraqueza do homem. O mundo não é a armadura do homem, nem tão pouco o homem vive num paraíso. Mas se é consciente de si e de suas limitações, não se deixa afligir pelo caos, que é a sua circunstância. O homem, graças à sua resistência, consegue sobreviver no mundo que a hostiliza. É, pois, através de experiências amargas que se redescobre a vontade de viver. A poesia de Cora Coralina

nasce então dessa ruptura homem-mundo. Há uma constante preocupação de reconquistar o perdido, o distante, de recuperar a inocência paradisíaca, mas não se trata, entretanto, de voltar ao passado simplesmente, mas de estar presente e ver o futuro que desceu sobre o que ela foi em outros tempos. De olhar para o lugar em que fincou raízes, rompendo fronteiras, na busca da essência desvalida do homem e de seus fundamentos.

Em princípio, a sua poética não transmite os sentimentos de alguém derrotado pela vida, mas de alguém que triunfou sobre as contingências do destino e que acredita na possibilidade do ser. No poema "Oferta de Aninha(aos moços)", é o vitorioso, e Aninha/Corã "transcende o entendimento do que seja inovação, porque incorpora uma visão revolucionária do mundo, de esperança, voltada para o futuro, identificada com a juventude, com a profilaxia dos vícios e violência. É o espírito de uma pioneira e antecipadora de perspectiva", assinala Oswaldino Marques.

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida
não desistir da luta
e ser otimista.

Creio nos valores humanos
e na superação dos erros
e angústias do presente.
(...)
Creio numa profilaxia futura
dos vícios e violência do presente.
(1983,p.145)

Somos jogados no mundo, entregues à inumanidade do mundo, à negatividade do mundo, mas mediante um força interior, somos compelidos a reinventar a realidade, de reconstruir um mundo novo, espelho de uma forma de existir. Consequentemente, somos impulsionados a produzir obras que são realidades. Cora Coralina é testemunho dessa realidade. Sua obra demonstra essa preocupação com as

coisas concretas, reais, faz um levantamento do transcurso do homem no tempo, buscando a sua essência perdida, recriando o seu universo cotidiano na esperança de uma nova humanidade, cuja argamassa se faz a partir do poético, pelo revigoramento da própria existência que procura uma forma de reestruturar a dignidade do homem numa sociedade que não tem nenhuma dignidade a conceder, a não ser a violência e a assunção do mundo dos objetos. Cremos que a sua poesia é o resgate de certos aspectos da vida e, como disse Baudelaire, “as palavras são apenas velas. Como elas são organizadas, isto é, o que as transforma em conceitos”.

Cora Coralina, ao voltar o olhar para o mundo real e enxergar o universo cotidiano, perscruta a condição existencial do homem presente com o olhar vidente no homem do futuro que, sem máscaras, conseguirá derrubar todas as artimanhas do presente e se colocar no rumo da existência. Assim, quando a poetisa diz que “o que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada”, ela está se projetando para o futuro, pois a caminhada é a possibilidade do ser em estado de “lançado”, de prespantar a transcendência na contínua busca do ser.

Para concluir o tema, diríamos que o eu metafísico em Cora Coralina é o desdobramento do mundo e do que se aglomeram na tessitura das reminiscências, como um convite ao redescobrir da verdade do ser. E a poesia é a “salvação, é também o ato poético pelo qual o homem se funde e se revela a si mesmo”, conforme afirma Otávio Paz em **O Arco e a Lira**.

1.2- EU TELÚRICO

Para Alceu de Amoroso Lima, o regionalismo literário, como registro de uma região, se manifesta “pela predominância da terra sobre o homem”, enquanto que no telurismo ocorre a interiorização dos elementos culturais e paisagísticos, concorrendo para a existência de uma simbiose entre o homem e a terra”. No regionalismo não se promove a ascensão do homem ao universal, o que se dá é a fixação ao local, sem o transcurso da existência. Já no telurismo, se processa a fusão do homem com a terra, exercendo um poder de elevação, um direcionamento para o encontro de

sua linguagem e de sua essência. Assim, as características locais são de modo metamorfoseadas que se transmudam em linguagem, em imagens e matérias poéticas que simbolizam a região. É o que acontece em **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, de Cora Coralina, onde os elementos da terra são expressões de uma linguagem universal. Em decorrência, a obra de Cora Coralina converge para a definição de uma poética do telurismo onde a terra, as árvores, os frutos, os cereais, os animais saem da tessitura da reminiscência e se metonimizam em objetos do chão. O eu da poetisa se vê percebido pelas coisas do chão, pelo universo telúrico. Urge responder ao convite da terra que é elemento vital de sua alquimia poética e elemento restaurador da sua essência no poema e responsável pelo retorno à primitividade mítica, como podemos verificar neste fragmento:

Eu sou o amor à terra. Sou o amor à gleba.
Tenho uma profunda identificação com a
terra e aos que nela trabalha. Me sinto
profundamente identificada com ela.

(PBGEM,1982,p.137)

As fontes do telurismo, ou seja, a natureza, o homem e as tradições extravasam o interior da poetisa, porque filtrado pela sensibilidade, pelo amor à terra e aos que nela trabalha. A terra é a força que inunda o universal da linguagem e todas as coisas que se igualam ao ser humano, assumem atributos humanos, tornando possível um graveto ser o homem:

Sou árvore, sou tronco, sou raiz, sou folha,
sou graveto, sou mato, sou paio.
E sou a velha tulha de barro.

(1983,p.107)

Os signos, assim entendidos, trazem para o texto as coisas do chão. O real, as palavras e os motivos são transmutados em linguagem telúrica, para se transubstanciar em novas formas de ser, para se igualarem ao ser humano, para atingir a carga máxima da poeticidade, porque poema não é senão “um romper os muros temporais, para ser outro”, conforme

Otávio Paz em **O Arco e a Lira**. Incorporar os objetos da natureza, antes de tudo, é ampliar o universo do ser para a apreensão da realidade concreta.

Cora Coralina redimensiona a linguagem e assume o eu com os objetos nomeados, criando e deslocando novos sentidos sob o signifiante do signo que, a priori, aponta para a matéria do chão, para o inorgânico.

A fusão dos elementos da natureza com o eu poético tem sua origem na própria terra, pois, segundo a poetisa, todos os componentes da realidade têm sua origem no chão, inclusive o homem, o que confirma o seu telurismo e a inserção no Cosmos, pois “O Cosmos é um organismo vivo, o que se renova periodicamente, e o seu modo de ser e a sua capacidade de regenerar é expressa simbolicamente pela vida da Árvore, segundo definição de Mircea Eliade.

No poeitar de Cora Coralina se instaura um mundo, onde qualquer coisa, seja árvore, um pássaro, um graveto, um paiol, perde seu sentido natural, se transubstanciando em nova forma de ser, a simbiose do ser com a totalidade do universo.

Pela minha voz cantam todos os pássaros, piam as cobras,
Coaxam as rãs, magem todas as boiadas que vão pelas
estradas.

(1983p.108)

Segundo José Fernandes, o simbolismo da árvore, ligada à vida perene, não poderia dispensar, conjuntamente, a simbologia dos frutos. Colocamos o milho nesta trilha, uma vez que ele é situado pela poetisa no no “Poema do Milho”, como planta sagrada, o arquétipo da renovação do vegetal e da exaltação da força da natureza, “ou a mais brilhante poetização da febre genética do vegetal”, na concepção de Oswaldino Marques. A poetisa, sábia, num único signo condensa os significados. Vejamos o poema “Oração do Milho”

Senhor, nada valho.
Sou a planta humilde dos quintais pequenos e das
[lavouras pobres.]

Meu grão, perdido por acaso,
nasce e cresce na terra, descuidada.
Ponho folhas e haste, e se me ajudares, senhor,
mesmo planta de acaso, solitária,
dou espigas e devolvo em muitos grãos
o grão perdido inicial, salvo por milagre,
que a terra fecundou.
Sou a planta primária da lavoura.
Não me pertence a hierarquia tradicional do trigo,
de mim não se faz o pão alvo universal.
O Justo não me consagrou Pão da Vida, nem lugar
[me foi dado nos altares.]
Sou apenas o alimento forte e substancial dos que
/trabalham a terra, donde
não vingam o trigo nobre.

(1972,p.92)

Diríamos que a transmutação da poetisa em outros elementos da natureza, usando palavras de Heidegger, tem relação com “as angústias metafísicas oriundas do invólucro da miséria e limitações que impõe o estar no mundo”. Assim, fundir-se ao milho, “planta humilde dos quintais pequenos e lavouras pobres”, vale dizer que o seu mundo é a reimplantação da condição miserável de vida por que passou, é a necessidade do fugir da solidão material e criar novos seres e dominar o Cosmos, como forma de assegurar o tempo indefinível.

Portanto, Cora Coralina é aquela que busca, na intimidade do vegetal, o substrato de sua vida, para transportá-la, através da sua palavra vibrante, às profundidades metafóricas da arte poética. Arrancar da neutralidade dos signos a essência do poético, porque “a poesia é a forma que contorna o caos da existência e lança o homem para o ser ou, pelo menos, para a possibilidade de ser”, no dizer de José Fernandes

(1983,p.58) Desta forma, a poetisa, ao criar realidades absurdas à lógica, está através da poesia ganhando o sentido sem sentido da existência.

O ser também se vegetaliza para tirar do chão o significado da vida. É com o "poema do milho" que a autora realiza o seu melhor trabalho poético, numa explosão de amor à natureza, onde o lavrador se transubstancia no próprio elemento - a terra, para dela retirar as suas possibilidades de atualização, deixando instalar-se a sua passagem para o vegetal:

Cavador de milho, que está fazendo?
Há que milênio vem você plantando?
Capanga de grãos dourados a tiracolo.
Crente da terra. Sacerdote da terra. Pai da terra.

Filho da terra. Ascendente da terra.
Descendente da terra.
Ele mesmo, terra.

(1983,p.78)

Assim, diríamos que a força telúrica coralineana está enraizada na terra e, como já vimos, ela corrobora para a definição de sua poética, ela aparece em seu sentido primeiro como a *terra mater* "que dá nascimento a todos os seres" de que fala Mircea Eliade. Portanto, ao retomar o significado da terra em sua tessitura poética, dá-se o movimento da Gênese, onde tudo se cria e se recria. Comprova-se que só a substância telúrica é capaz de tornar possível a reconstituição da vida, de que a terra é geradora do movimento perpétuo da criação, cuja energia é capaz de regenerar o próprio ser e transformá-lo em guardador do cíclico da vida que a alquimia telúrica instaura.

Concluindo, diríamos que é fundamental a força telúrica na feitura dos versos de Cora Coralina. Um telurismo transfigurado que delinea os limites do geográfico e do regional para atingir o universal que é estabelecido nos seus poemas.

Abstract:

*VELLASCO, Marlene Gomes de. The I multiplied in Cora Coralina
Temporis(Ação); Goiás, V.1, N.1 - junho/1997*

Analysis of the peculiarities of Cora Coralina's poetry, its configuration in a telluric language and "I's multiplicity, and it forms a storm that "intemporaliza" in memory: Poetic reconstruction of being beyond time.

BIBLIOGRAFIA

- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. Trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. Rio de Janeiro: Eldorado, /s.d/
- CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. Goiânia: Editora da UFG, 1985
- _____. **Meu livro de cordel**, São Paulo: Editora Global, 1986 .
- _____. **Vintem de Cobre, meias confissões de Aninha**. Goiânia: Editora da UFG, 1983.
- ELIADE, Mircea. **O mito do eterno retorno**. Trad. Manuel Torres, Lisboa: Edição 70, /s.d./
- FERNANDES, José. **Telurismo e cosmologia em Cora Coralina. Linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 4/5/6: 77-82
- **O poeta da linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, 1983
6. HEIDEGGER, Martin. **Arte Y poesia**. Trad. Samuel Ramos. México. Fondo de Cultura Econômica, 1951.
- LIZONDO, Joaquim. **La magia de la alquimia**. Barcelona.: Telstar. 1972
- TURCHI, Maria Zaira. **Ferreira Gullar: a busca da poesia**. Rio de Janeiro: Presença, 1985.